



Moreira Lima mostra-se preocupado com a região

Aeronáutica: Amazônia é região vulnerável

O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, reconheceu ontem, em entrevista ao *Jornal da Tarde*, que a Amazônia é uma região vulnerável em infra-estrutura e até mesmo em proteção ao voo. Ele destacou a avaliação feita através da recente operação que a Força Aérea fez na região.

Moreira Lima confessou sua preocupação com o fato e disse que, hoje em dia, a Amazônia pode ser alvo não só de incursões de grupos guerrilheiros estrangeiros, como já aconteceu, mas também de constantes atividades relacionadas com o contrabando.

Será preciso, assim, muito mais do que está previsto no Projeto Calha Norte. Toda exploração em torno da segurança nacional no País nas últimas duas décadas não correspondeu a projetos realistas para diversos setores, especialmente quanto à Amazônia. A chamada "ideologia de segurança nacional" serviu, assim, tão-somente para perseguições políticas, especialmente na fase do conflito ideológico.

Essa constatação foi feita por alguns militares que analisaram os problemas relacionados com a verdadeira segurança. O almirante Maximiliano da Fonseca, quando ainda era ministro da Marinha, defendeu a tese de que a volta dos civis ao poder e a redemocratização poderiam permitir que os problemas relacionados com a segurança fossem tratados de modo efetivo.

ESTRUTURA PREVISTA

A criação de unidades, que garantam ao Comando Militar da Amazônia a mesma estrutura dos outros comandos de área, já está prevista no Plano Diretor do Exército. Para o Exército, com a elevação do grau de segurança, poderá ocorrer em áreas pobres da região o mesmo crescimento econômico registrado na cidade de Tabatinga.

O Exército tem uma unidade para emprego na selva, considerada uma das mais adestradas do hemisfério: o Centro de Instrução de Guerra na Selva, sediado em Manaus e comandado pelo coronel Carlos Eduardo Munhoz. Lá estão, ainda, as Brigadas de Infantaria da Selva, de Porto Velho e Marabá, e os Comandos de Fronteira.

A Aeronáutica pretende reforçar as suas guarnições da Amazônia: o 7º Comando Aéreo, as bases de Roraima e Porto Velho e as bases aé-

reas de Belém e Manaus. Já a Marinha está construindo um novo cais na Base Naval de Belém e, em Manaus, possui uma estação naval. Atua na Amazônia com esta força naval, sediada na capital, que faz o patrulhamento fluvial, e com outra força naval, sediada em Belém, que executa, além do patrulhamento e marítimo, as atividades de apoio social às populações ribeirinhas, operando com dois navios-hospitais e com a Capitania de Manaus e suas delegacias e agências.

CALHA NORTE

Quanto ao Projeto Calha Norte, que teve suas obras reduzidas por causa das chuvas, os estudos das Forças Armadas e do Conselho de Segurança Nacional identificaram três espaços diferenciados de fronteiras na Amazônia: o primeiro, entre Tabatinga, no Amazonas, e Oiapoque, no Amapá; o segundo, o da orla ribeirinha dos rios Solimões e Amazonas e seus principais afluentes; e o terceiro, formado pelo núcleo interiorano, constituído pelo restante da área.

Para execução do projeto foi definida como preferencial uma faixa de fronteiras de 6.500 quilômetros, dividida em seis trechos: 1º) noroeste de Roraima e norte do Amazonas, áreas caracterizadas pela presença dos índios Yanomani; 2º) noroeste do Amazonas, região do Alto rio Negro; 3º) norte e leste de Roraima; 4º) oeste do Amazonas, região do Alto Solimões e Alto Trafra; 5º) norte do Pará, região do Tumucumaque; e 6º) norte do Amapá.

Para os objetivos do Calha Norte serem realmente alcançados, o projeto vai procurar intensificar as relações bilaterais com países vizinhos, especialmente o intercâmbio comercial; aumentar a presença brasileira na área; intensificar a ação da Funai junto às comunidades indígenas; e promover campanhas demarcatórias de fronteiras.

Dos 20 pequenos aeroportos a serem construídos na Amazônia nos próximos três anos, 10 serão preparados para atender às atividades do Exército e 10 para a Funai. A construção dos aeroportos terá o apoio de aviões C-95, C-115, C-130 e de helicópteros UH-1H. O Ministério da Aeronáutica já adquiriu dois aviões Lear Jet, que atenderão a atividades do Projeto Calha Norte, inclusive as de levantamento cartográfico de interesse do Exército.